

A Feira de Ciências Sociais como metodologia de ensino e valorização do conhecimento sociológico

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO: O presente trabalho descreve a experiência de dois graduandos em Ciências Sociais que, no contexto do Estágio Docência em Ciências Sociais II, desenvolveram uma Feira de Ciências Sociais com quatro turmas de 1º ano do Ensino Médio em uma escola pública de Porto Alegre durante o semestre de 2025/1. A proposta consistiu na realização da Feira de Ciências Sociais como um evento educacional voltado à promoção da interação entre estudantes e professores, buscando contextualizar e problematizar questões sociais, transformando-as em problemas sociológicos e incentivando a elaboração de pequenas pesquisas. Os objetivos visaram propiciar aos alunos habilidades de pesquisa, protagonismo estudantil, pensamento crítico, estudo sobre juventudes. A proposta objetivou também quebrar a concepção existente entre os estudantes de que a aula de Sociologia é “dar opinião”. As atividades foram organizadas de forma processual em quatro etapas: escolha do tema, levantamento de referências, elaboração e aplicação de questionário e produção de cartazes com apresentação dos resultados. Os grupos de estudantes foram acompanhados e orientados pelos estagiários docentes durante todo o processo, constituindo um processo de ensino-pesquisa. Os estudantes foram envolvidos na imersão de “jovem pesquisador”, como uma ferramenta útil para incentivar a curiosidade e a pesquisa em áreas que impactam diretamente as juventudes. A experiência evidenciou o potencial da pesquisa como ferramenta pedagógica no ensino de Ciências Sociais, contribuindo para a compreensão de como problemas sociais podem ser investigados sociologicamente. Tudo isso enriqueceu o ensino-aprendizado sobre como indagar e buscar respostas para questões sociais e como os jovens são mobilizados, formando um experimento que valoriza o ensino no formato de uma “Feira de Ciências Sociais”.

PALAVRAS-CHAVE: Sociologia; Feira de Ciências Sociais; Práticas Pedagógica.

INTRODUÇÃO

De acordo com os termos da Resolução nº 31/2007 CEPE-UFRGS que estabelece normas gerais para as atividades de Estágio de Docência para os alunos dos cursos de graduação em licenciaturas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o estágio é obrigatório e visa preparar o aluno para a docência na educação básica contribuindo para a qualidade do ensino.

Posto isso, os alunos Eduarda Farias Antunes e Jonathan Camargo Pereira regularmente matriculados no curso de graduação em licenciatura em ciências sociais (IFCH/FACED/UFRGS), solicitaram matrícula na disciplina de Estágio de Docência em Ciências Sociais no primeiro semestre de 2025, para desenvolver as tarefas conforme o plano de atividades, como parte do processo de formação de graduandos em licenciatura da instituição.

As atividades didático-pedagógicas foram elaboradas e construídas de forma conjunta entre os estagiários matriculados na disciplina de estágio ministrada pela professora titular Dr^a Célia E. Caregnato e a professora auxiliar Bruna M. Leal.

Para o ensino de Sociologia, buscou-se desenvolver a capacidade dos alunos de realizarem pesquisas em sala de aula, pautadas nas relações dos jovens com o meio social em que estão inseridos. Estimulando a reflexão sobre as teorias sociológicas apresentadas em

aula e a aplicação em contextos reais, pensando na comunidade escolar e suas relações no contexto social dos alunos, considerando seus aspectos interseccionais.

O planejamento das aulas inicia-se com a problematização do “ser jovem”, o que é o jovem e qual a abordagem sociológica acerca da(s) juventude(s)? Compreender a categoria social dos jovens e suas intersecções, como raça, gênero, classe e etc..., ou seja, compreender o jovem enquanto sujeito social, aberto ao mundo e dotado de desejos e a juventude como algo múltiplo e que transgride entre as gerações (Dayrell, 2003, 2007).

Além de fomentar a consciência crítica e a participação ativa dos estudantes na compreensão e no respeito pelas diferenças. Nos propúnhamos a trabalhar a partir das perspectivas que os alunos têm sobre o contexto social a qual estão inseridos, sendo considerado questões históricas, como relações étnico-raciais e de gênero, questões geopolíticas, como distribuição de terras e renda, marginalização urbana e social.

As práticas docentes no ambiente escolar iniciaram-se com a observação de todos os fatores passíveis de interferência nos processos de ensino-aprendizagem, sejam eles fatores característicos ou próprios da instituição concedente como políticas e/ou normas internas, localização da instituição, infraestrutura, distribuição das turmas, e etc. Foram também considerados outros fatores que mesmo de ordem externa à instituição têm influência nos processos de ensino-aprendizagem como a formação do corpo discente, políticas públicas voltadas à educação e etc.

TEORIA E PLANEJAMENTO: A BASE CONCEITUAL PARA CHEGAR ATÉ A FEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

As atividades elaboradas para a disciplina de Estágio Docente em Ciências Sociais II foram planejadas de maneira conjunta entre as trocas de ideias, debates de caráter sociológico e testagem de metodologias em reuniões pedagógicas sob orientação das professoras Célia E. Caregnato e Bruna M. Leal, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O plano de aula foi estruturado com base em uma proposta pedagógica crítica e participativa, articulando teorias e práticas que dialogam com a realidade dos estudantes. As ações planejadas buscaram promover a autonomia, a escuta ativa e o protagonismo juvenil. bell hooks em “*Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade*” defende que a educação engajada constrói saberes a partir da relação de empatia entre alunos e professores, e que se faz necessário a prática da *Pedagogia Engajada*, para que, o espaço escolar se torne um lugar de acolhimento, onde o conhecimento é produzido coletivamente, através de um pensamento crítico em sala de aula, reconhecendo os sujeitos em suas individualidades (hooks, 2017; MACHADO; CAPRARA, 2024).

Com base nessas teorias, planejamos a atividade “Escreva sobre si”, como um exercício inicial de aproximação e valorização da individualidade dos alunos. A proposta buscou considerar uma reflexão pessoal a partir de suas interseccionalidades considerando marcadores como raça, gênero e classe social (COLLINS; BILGE, 2021). Permitindo que os alunos se reconhecessem como sujeitos sociais, inseridos em contextos diversos e marcados por múltiplas identidades.

Ao considerar que os estudantes refletissem de forma crítica sobre suas trajetórias e marcadores sociais, a atividade contribuiu para compreender a sala de aula como espaço de pesquisa, onde os estudantes foram convidados a perceber como suas trajetórias individuais estão relacionadas a contextos sociais. Conforme argumenta Akotirene (2019), refletir sobre essas dimensões interseccionais é crucial para compreender como elas se sobrepõem e influenciam as condições de vida e as oportunidades dos sujeitos. Essa reflexão também

contribuiu para criar um ambiente de maior empatia e reconhecimento das diferenças dentro da sala de aula, valorizando a diversidade de experiências presentes entre os estudantes.

A segunda atividade do plano foi sobre “Movimentos Sociais”. Pensada com base na obra “Pedagogia do Oprimido”. A proposta da atividade consistiu em criar um movimento social no qual os estudantes deveriam escolher uma causa e imaginar suas pautas e lutas. Ao propor esse exercício, a atividade procurou aproximar os conteúdos da Sociologia das experiências sociais concretas vivenciadas pelos estudantes, valorizando uma pedagogia engajada (hooks, 2017), sobre a ideia de que conhecimento se constrói de forma dialógica, a partir da interação entre sujeitos que refletem sobre sua realidade. (FREIRE, 2021).

Como desdobramento da primeira atividade, a proposta de construção de movimentos sociais teve como objetivo estimular nos estudantes uma reflexão crítica acerca das desigualdades sociais e das possibilidades de organização coletiva voltadas para a transformação da sociedade. Ao criarem seus próprios movimentos sociais, os estudantes precisaram discutir coletivamente quais problemas sociais consideravam mais relevantes, quais seriam as pautas defendidas e quais estratégias poderiam ser utilizadas para promover transformações sociais.

A atividade permitiu interagir com conceitos importantes da Sociologia, como participação política, cidadania, mobilização social e ação coletiva. A partir da elaboração dos movimentos sociais fictícios, foi possível estabelecer conexões entre as propostas dos estudantes e exemplos reais de movimentos sociais, ampliando o repertório sociológico da turma. Nesse sentido, a atividade também incentivou os estudantes a exercitar a imaginação sociológica ao qual consiste na capacidade de estabelecer conexões entre experiências pessoais e estruturas sociais nos quais estão inseridos. (MILLS, 1969).

A atividade final foi a oficina de “Pesquisa” para a Feira de Ciências Sociais. Inspirada no pensamento de Juarez Dayrell (2003), a atividade busca interagir com a juventude como sujeito social ativo, portador de saberes e percepções legítimas sobre a sociedade.

O planejamento das pesquisas escolares partiu da ideia de que o ensino de Sociologia deve ir além da transmissão de conceitos. O objetivo foi proporcionar experiências de investigação que aproximem os alunos dos métodos das Ciências Sociais. Dialogando com essa premissa, Oliveira (2011) propõe o ensino da disciplina como um espaço de formação crítica, reflexão e construção de sentidos entre a teoria e a realidade empírica.

Como foco de análise, optou-se por trabalhar a condição juvenil. Para Dayrell (2007), essa abordagem envolve duas dimensões: o contexto que a sociedade atribui a essa etapa da vida e a forma como ela é efetivamente vivenciada. Ou seja, é necessário visualizar o jovem considerando seu contexto histórico-geracional e suas diferenças sociais, reconhecendo por exemplo, que a vivência de um jovem do campo é diferente da de um jovem da cidade.

Para interligar os conteúdos das aulas e valorizar a autonomia dos estudantes, desenvolveu-se a Feira de Ciências Sociais. A construção da feira ocorreu de forma processual e orientada, estruturada em um total de cinco atividades pensadas para conectar o conteúdo escolar com as vivências dos alunos, pensadas a partir da atividade de exercício da imaginação sociológica (O'DONNELL; OLIVEIRA; ROTA, 2026). Entre as etapas, destacam-se:

- **Elaboração do tema e problema de pesquisa:** Etapa inicial que dialogou com a noção de "imaginação sociológica" de Wright Mills (1969).
- **Levantamento de bibliografia:** Onde os alunos pesquisaram a fundo questões relacionadas aos seus temas.

- **Investigação e aplicação de questionários:** Momento em que os alunos foram convidados a enxergar além do senso comum, treinando o olhar sociológico para perceber as reais dimensões dos problemas sociais.
- **Análise de dados quantitativos e qualitativos:** A *práxis* do pensamento sociológico em sala de aula, os alunos precisaram refletir ativamente como os dados levantados pela turma colidiram ou conciliavam com o tema pesquisado e as pesquisas feitas no levantamento bibliográfico.
- **Conclusão e apresentação das pesquisas:** Por fim, os alunos apresentaram em formato de feira, todos com pôsteres (cartazes) sobre suas pesquisas, critérios de avaliação que iam desde a construção e legibilidade dos posters, até o aprofundamento teórico na apresentação dos trabalhos.

PLANOS DE AULA CHECK: A METODOLOGIA PLANEJADA PARA A PRÁTICA

De forma geral, o planejamento das aulas teve como objetivo central a produção de pesquisas sociológicas com os alunos do ensino médio, para tanto o planejamento foi pensado seguindo uma sequência didática que fosse capaz de dar o aporte necessário para que os alunos do ensino médio pudessem realizar a atividade da investigação sociológica.

O planejamento das aulas inicia com uma aula dedicada a conhecer a turma, ao mesmo tempo em que a eles era introduzido o conceito de interseccionalidade (COLLINS; BILGE, 2021), importante para que os alunos compreendessem que a Sociologia enquanto uma ciência humana precisa considerar o “humano” em sua totalidade, ou seja considerar o “ser Humano” como um sujeito que é atravessado por questões políticas e sociais que penetram o “ser” e os constitui como humanos.

A sequência planejada seguiu articulando os novos conceitos apresentados com os outros já expostos nas aulas anteriores, como por exemplo, a explicação dos movimentos sociais a partir dos seus aspectos interseccionais e o protagonismo juvenil frente às mudanças sociais e as lutas por conquista e manutenção dos direitos civis e sociais.

Após terem sido apresentado os conceitos de interseccionalidade, movimento social, juventudes e protagonismo juvenil, os estudantes foram apresentados a diferenciação de problema social e problema sociológico, paralelamente à retomada de conceitos já apresentados anteriormente pela professora titular da turma, os conceitos de senso comum e conhecimento científico, e conceitos apresentados pelos estagiários como descritos no parágrafo acima.

Para as Ciências Sociais, a diferença entre problema social e problema sociológico está relacionada ao processo de problematização inicial na produção científica. O problema social diz respeito a situações que são perceptíveis no cotidiano dos indivíduos, e que podem ser entendidas como indesejadas por afetar negativamente grupos de pessoas, são problemas facilmente identificados e interpretados a partir de explicações do senso comum.

Entretanto, para que esses problemas se tornem possibilidade de investigações científicas, é necessário convertê-los para problemas sociológicos, ou seja, em questões formuladas de maneira analítica e guiadas por embasamento teórico, para assim pesquisar sobre os processos de interação social por conceitos, teorias e métodos próprios da Sociologia (DESLANDES, 2002, 2007; GIL, 1989).

Nesse sentido, a transformação de um problema social para um problema sociológico acontece quando a realidade observada é reinterpretada a partir de um olhar científico. Lemieux (2015), argumenta que a problematização se dá a partir de um processo de deslocamento do olhar sobre um fenômeno social, a fim de interrogá-lo a partir de categorias sociológicas para que se compreendam suas causas e implicações na dinâmica social.

Conforme descrito nas competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a formação nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas deve incentivar a análise crítica de situações presentes no cotidiano, possibilitando a problematização de práticas sociais naturalizadas. Para isso, a pesquisa se torna atividade importante para desenvolver nos estudantes a capacidade de desnaturalizar costumes e reconhecer desigualdades em atitudes presentes nas interações sociais. (BRASIL, 2018).

Foi fundamental a articulação de mais de um conceito diferente para melhor compreensão dos alunos sobre a função da Sociologia e do fazer científico. Evidenciar para eles que algumas leis ou políticas públicas só existem porque houve reivindicação popular por meio dos movimentos sociais, que por sua vez existe por conta de questões históricas relacionadas a estigmatização de pessoas que possuem marcadores sociais, e que esses marcadores se inter relacionam na constituição do humano, e que todos os humanos são seres dotados socialmente de intersecções, fez com que nascesse em cada um deles uma indagação sobre suas próprias experiências individuais e as estruturas sociais que constituem a realidade vivida.

A construção da pesquisa nas aulas de Sociologia foi realizada de forma processual. Desde o início, os alunos foram incentivados a escolher temas de pesquisa que dialogassem com a faixa etária jovem (entre 12 e 29 anos), para pensarem a própria realidade como objeto de estudo. O desenvolvimento do trabalho foi estruturado em etapas avaliativas, distribuídas ao longo das aulas.

No início foi pedido aos alunos que se dividissem em grupos que variaram entre quatro a seis membros, número pensado para contemplar que todos os estudantes participassem, e para que uns não sobrecarregassem outros.

Além dos números mínimos e máximos de membros os alunos receberam como orientação para formação dos grupos, que escolhessem por critérios de afinidade para que, posteriormente, pudessem definir temas de interesse comum para desenvolver as pesquisas. Em seguida foram expostos os critérios de avaliação para a Feira de Ciências Sociais, o método de avaliação foi processual, onde cada etapa do processo de criação da pesquisa científica até a exposição e apresentação no dia da feira foram avaliados e somados para o conceito final. A pesquisa seguiu as seguintes etapas em todas as turmas:

- A entrega do Tema de Pesquisa: Os grupos foram orientados a escolherem três temas de interesse do grupo, para isso foi importante deixá-los escolherem entre si por afinidade, uma vez que tal afinidade poderia ser evocada em sala de aula para fazerem pensar em conjunto os temas, partimos então de duas perguntas “Porque vocês se escolheram enquanto grupo?” e “quais os assuntos de interesse vocês têm em comum? exemplo: esporte, música, filmes, séries, etc. Após os grupos definirem seus 3 temas de interesse, eles foram orientados a eleger um destes temas como o mais pertinente para a realização de uma pesquisa social. Esta etapa contou 1 ponto,
- Problema de Pesquisa: Temas escolhidos, os grupos foram convidados a relembrar as aulas de problema social e problema sociológico, a partir disso a atividade de construção de pesquisa torna-se um processo mais reflexivo, onde os grupos precisaram identificar nos temas escolhidos algum problema social e em seguida transforma-lo em um problema sociológico que viria a se tornar seus respectivos problemas de pesquisa. Esta etapa contou 1 ponto na composição da avaliação final.
- Pesquisa Exploratória: Nesta etapa os grupos precisaram ir atrás do que chamamos academicamente de “revisão da bibliografia” em seus problemas de pesquisa, no entanto dentro das condições que os alunos tiveram foi pedido a eles que pesquisassem em sites de noticiários sobre reportagens acerca dos

temas e dos problemas de pesquisas escolhidos, informes feitos por entidades como o IBGE e IPEA, também foram indicados aos grupos, que ainda foram orientados a buscarem no google acadêmico e no Scielo ao menos um artigo que relacionasse com o problema de pesquisa deles. Esta etapa contou com 2 pontos.

- Metodologia: A metodologia utilizada em todos os grupos foi a pesquisa por formulários, a metodologia foi algo inegociável neste projeto, infelizmente por se tratar da prática dentro de um estágio de docência, não seria viável qualquer outro tipo de metodologia que demandasse de um tempo maior para coleta e análise de dados, sendo assim os grupos foram orientados a criarem um formulário a partir do *google forms* que contivessem de 10 a 15 perguntas, sendo três delas obrigatoriamente sobre os marcadores sociais dos respondentes, gênero, raça e condição social, as demais perguntas deveriam ser criadas com o intuito de descobrir o quanto o respondente conhece sobre o tema e quais as percepções, as opiniões ou os achismos que possuíam sobre o tema. Os alunos aplicaram os formulários com colegas de turma e demais alunos da escola, tinham como objetivo coletar 10 respostas no mínimo. Esta etapa contou com 2 pontos.
- Preparação para a feira: Nesta etapa, os alunos tiveram como principais tarefas a análise das amostragens coletadas por eles na etapa anterior, junto com o trabalho de criação dos cartazes para a exposição no dia da feira e organização das falas de cada membro dos grupos. Esta etapa ficou marcada pelo grande “baque” que alguns alunos tiveram ao perceberem todo o material produzido por eles mesmos, ao que parece a condensação das pesquisas realizadas foi a tarefa mais instigante para os alunos. Esta etapa do processo não pontuou, tendo em vista todo o processo realizado juntamente com a disponibilidade do quadro de notas que nos foi passado, nesta parte do processo os alunos tinham como desafio principal a “montagem” de tudo que já haviam produzido.
- A Feira de Ciências Sociais: Passado todo o processo de construção das pesquisas, o desafio dos grupos nesta etapa foi a apresentação, elemento que pontuaria mais do que os demais processos. Foram considerados alguns critérios para a avaliação das apresentações, como a criatividade na construção do pôster, a argumentação quanto a relevância dos objetos pesquisados, o aprofundamento do tema, o uso de referências e a articulação com demais áreas do conhecimento das ciências humanas, como história e geografia. Esta etapa não foi avaliada por nós professores estagiários, mas sim por um colega das Ciências Sociais que foi convidado para ser banca avaliadora junto com a professora de Sociologia titular da turma. Esta etapa contou com 3 pontos.

Como descrito acima, o método avaliativo foi processual (BRIDI, 2009), considerado pela participação nas atividades propostas, valorizando a interlocução com os estagiários docentes por meio da orientação e culminando na avaliação do material entregue, segundo a pontuação descrita em cada etapa do processo.

METODOLOGIA DE ENSINO PARA A VALORIZAÇÃO DA SOCIOLOGIA COMO SABER CIENTÍFICO

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, no ensino médio propõe que os alunos possam amplificar seus repertórios políticos, sociais e culturais a partir do desenvolvimento da capacidade de

estabelecer diálogos entre indivíduos, com base nas concepções “o Eu, o Outro e o Nós”, a área tem também como um de seus objetivos favorecer o protagonismo juvenil (Brasil, 2018).

Os pressupostos metodológicos para o ensino de Sociologia no ensino médio brasileiro descritos no terceiro volume das orientações curriculares para o ensino médio, define três tipos de recortes a serem abordados nas escolas, são eles: conceitos, temas e teorias (Brasil, 2006). Incluem-se nas OCNS a importância do cuidado com as articulações dos recortes das abordagens metodológicas para o ensino médio.

Um *tema* não pode ser tratado sem o recurso a conceitos e a teorias sociológicas senão se banaliza, vira senso comum, conversa de botequim. Do mesmo modo, as *teorias* são compostas por conceitos e ganham concretude quando aplicadas a um tema ou objeto da Sociologia, mas a teoria a *seco* só produz, para esses alunos, desinteresse (Brasil, 2006, p. 117)

Dito isso, a realização de uma Feira de Ciências Sociais no ambiente escolar se mostrou uma prática pedagógica necessária, principalmente para introduzir a pesquisa científica e para demonstrar que a Sociologia não pode ser reduzida a um espaço de “dar opinião”, como se tratasse de uma matéria meramente opinativa desvalorizando seu caráter científico.

Os percursos pedagógicos para a introdução à pesquisa no ensino médio se deu a partir das definições dos problemas sociais e problemas sociológicos, abordados em cima da distinção entre senso comum e conhecimento científico. Demonstrar aos estudantes que existe uma diferenciação em encontrar um problema e em pesquisar esse problema, foi central para que os mesmos pudessem compreender como a investigação científica nas aulas de Sociologia pode ajudar a transformar preocupações do senso comum em objetos de análises críticas e sistêmicas.

Para isso, a contextualização entre “Problema Social x Problema Sociológico” se deu para incentivar e exercitar a “imaginação sociológica” dos estudantes. É por meio dessa “imaginação sociológica” que se consegue transformar vivências individuais em problemas sociais e a partir disso analisar padrões e estruturas sociais (MILLS, 1969).

A metáfora dos “óculos sociológicos” (Dourado, 2024, 2025) foi essencial para ilustrar essa nova forma de ver o mundo, na qual o cotidiano passa a ser interpretado a partir de ferramentas teóricas e metodológicas da Sociologia. Ao utilizar esses “óculos sociológicos”, passamos a perceber as relações que influenciam a vida cotidiana (muitas vezes invisíveis à primeira vista) e conseguimos transformá-las em “coisas” ou “objetos de estudos” para entender a sociedade, como descrito na obra de Émile Durkheim intitulada “*As Regras do Método Sociológico*” de 1895, os fatos sociais - objetos de estudos da Sociologia - devem ser tratados como “coisas”, para serem estudados quais as explicações causais.

Ao partirmos de um problema social vivido e observado no cotidiano dos estudantes e conduzi-los à construção de um problema sociológico, o ensino da pesquisa ganha sentido, trazendo autonomia aos estudantes e através da feira de ciências, os alunos foram desafiados a saírem da posição de ouvintes subvertendo os papéis socialmente definidos dos alunos - como indivíduos a serem disciplinados (FOUCAULT, 2014) - e colocando-os como sujeitos ativos na construção de um conhecimento.

Ao elaborar um projeto de pesquisa, realizamos mais do que uma simples organização de ideias: estamos coletando escolhas e reflexões, isto é, traçando caminhos possíveis para investigar a realidade a fim de problematizar e compreender os fenômenos sociais. Como destaca Suely Deslandes (2009), esse processo implica selecionar recortes específicos do real,

definindo o que será pesquisado, de que maneira e com quais justificativas. E essa seleção não é neutra nem aleatória, mas orientada por objetivos científicos, sociais e epistemológicos.

Na prática propriamente dita, os alunos construíram hipóteses e elaboraram argumentos com base na seleção e na sistematização de dados, obtidos por questionários e pesquisas guiadas pelos estagiários junto dos grupos de estudos e com base na revisão bibliográfica.

O primeiro passo para iniciarmos as construções das pesquisas dos estudantes do ensino médio foi dividir a turma em grupos de 4 à 5 alunos, a definição dos integrantes de cada grupo se deu por agência dos próprios alunos, ou seja, o que definiu “quem pesquisaria com quem” foram as relações interpessoais de cada integrante de cada grupo.

A escolha dos temas a serem pesquisados foi o segundo passo para a construção das pesquisas, que também se deu a partir da agência de cada grupo, os grupos foram orientados a escolherem cerca de três temas atuais presentes na sociedade - problemas sociais - e que tivessem relação com o público jovem, indivíduos que possuem de 15 a 29 anos de idade, segundo o Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013). Com a regra de “pesquisa aplicável com jovens”, a ideia era guiar o projeto como uma ferramenta de reconstrução da realidade, na medida em que os estudantes pensassem a experiência como objeto de conhecimento. Após a escolha dos temas, os integrantes de cada grupos deveriam entrar em consenso sobre qual seria o tema de pesquisa do grupo.

O terceiro passo para a construção da pesquisa foi a criação de possíveis hipóteses para os temas já definidos. A criação de uma hipótese se deu a partir do método empírico, ou seja, as hipóteses que guiaram o fazer científico dos alunos foram construídas com base nas experiências vividas pelos próprios estudantes.

A partir da definição do tema e do levantamento de possíveis hipóteses, os alunos foram estimulados a pesquisarem materiais na *internet* relacionados aos seus temas e hipóteses, sendo assim o quarto passo foi a busca por bibliografias como: artigos; matérias de reportagens; e *sites* de divulgação científica. Para isso, os estagiários instruíram o uso do Google acadêmico bem como a leitura de mais de um jornal, *site* ou *blog* para confirmar a veracidade das informações encontradas.

A busca por bibliografia bem como a revisão antecedeu o quinto passo para o desenvolvimento das pesquisas, a articulação entre o tema - problema social - e as hipóteses com o que é descrito pela bibliografia para a criação da pergunta de partida da investigação sociológica dos estudantes. Em outras palavras, o quinto passo foi transformar os problemas sociais em problemas sociológicos, para que tais problemas sociais pudessem ser explorados à luz da Sociologia.

No momento da escolha da pergunta de partida que se delineiam os nortes do projeto. Quando o problema sociológico é construído, os métodos e os referenciais teóricos pertinentes para guiar a pesquisa são encontrados com mais facilidade, segundo Deslandes (2009), mapear esses “problemas” facilita construir um olhar científico sobre o mundo, reconhecendo que toda investigação é também uma interpretação da realidade sob uma perspectiva situada e orientada por propósitos específicos.

Foram utilizados recursos digitais para a construção do questionário e durante a criação da pesquisa, a escola disponibilizou *Chromebooks* para uso dos estudantes e possuía rede de *internet* estável, o que facilitou o uso de plataformas digitais.

A utilização do Google Forms como ferramenta na construção de questionários permitiu que estudantes elaborassem, distribuíssem e analisassem dados de maneira rápida e eficiente. O desdobramento do questionário começou após essa primeira análise dos temas e o que se encontrava sobre o mesmo na mídia.

As perguntas dos questionários foram construídas em sala de aula. As regras para essa elaboração se deram por: No mínimo sete perguntas e três delas deveriam perguntar quais as

características interseccionais dos respondentes (raça, gênero, idade, classe, etc); o questionário deveria ser respondido por no mínimo cinco pessoas e a preferência eram questões fechadas (objetivas), podendo haver exceções. Os questionários deveriam passar por avaliação dos estagiários docentes antes da aplicação.

Os alunos começaram a aplicar os questionários com a própria turma e/ou com turmas diversas na escola, e no geral, a maioria seguiu esse modelo de escolha do público alvo, uma vez que a pesquisa deveria ser respondida pela população jovem. Os questionários criados foram compartilhados com os estagiários a partir de um *e-mail* pedagógico, com a finalidade de acompanhar os processos de criação dos questionários e tratamento dos dados coletados.

Diante dos dados brutos e da maior parte da pesquisa instruída em sala de aula, a conclusão ficou por parte dos próprios estudantes. A finalização da pesquisa foi apresentada em formato de pôster (com cartazes), que deveriam conter os resultados dos dados coletados, a conclusão da pesquisa e a bibliografia utilizada.

As apresentações das pesquisas se deram por turma, cada grupo apresentou em cerca de 15 min e eram avaliados pelos estagiários e dois avaliadores convidados. Os estudantes deveriam apresentar o tema pesquisados, os dados coletados e a conclusão a que chegaram com a pesquisa.

Através das pesquisas e dos incessantes diálogos, os estudantes produziram saberes significativos, refletindo criticamente sobre os aspectos presentes na sociedade em que vivem, principalmente levando em consideração a experiência juvenil.

A Feira de Ciências Sociais realizada com as turmas 111, 112, 113 e 114 representou um momento de envolvimento sociológico, criatividade e aprofundamento de pesquisa por parte dos estudantes. Após quatro aulas dedicadas à construção dos trabalhos, os grupos apresentaram suas pesquisas de forma consistente, abordando temáticas relevantes para a realidade juvenil em seus contextos sociais.

Como forma de reconhecimento do esforço dos alunos, organizamos um "pódio" por turma que destacava os três "melhores" trabalhos. Essa definição se deu a partir de critérios, como: entrega dos pontos solicitados na pesquisa, clareza na exposição, coerência argumentativa e criatividade na apresentação.

Para a turma 111 os três destaques foram:

- **1º lugar: "Relações sociais e de gênero no mercado de trabalho - Como as relações sociais e de gênero influenciam a inserção e a experiência dos jovens no mercado de trabalho?"** – O grupo apresentou uma análise crítica e bem estruturada sobre as desigualdades de gênero no acesso e na vivência do mundo do trabalho, utilizando depoimentos coletados no seu próprio questionário.
- **2º lugar: "Dificuldade de Expressão dos Jovens - Porque os jovens de diferentes classes sociais enfrentam dificuldades para se expressar livremente no ambiente escolar?"** – Este grupo trouxe à tona uma questão sensível: os obstáculos enfrentados por jovens de diferentes origens sociais para se expressarem livremente na escola. A pesquisa foi construída com base em questionários aplicados em outras turmas, o que conferiu profundidade e representatividade aos resultados.
- **3º lugar: "A visão do CLT - Porque o CLT é visto como uma coisa ruim?"** – A reflexão sobre o desinteresse ou desprezo em relação ao regime CLT revelou preocupações legítimas dos jovens quanto ao futuro profissional e gerou questionamentos entre os próprios alunos durante a apresentação.

Para a turma 112 os três destaques foram:

- **1º lugar: “Cultura brasileira: Funk”** – Este grupo realizou uma abordagem crítica sobre o funk como manifestação cultural periférica e racializada. A apresentação evidenciou como o gênero musical frequentemente marginalizado expressa resistências e identidades para jovens periféricos no Brasil. A análise foi acompanhada de referências históricas, sociais e musicais.
- **2º lugar: “Cinema brasileiro e Telenovelas”** – O segundo grupo explorou o papel das produções audiovisuais brasileiras na formação do imaginário juvenil. O trabalho apresentou um resgate histórico do cinema nacional e das telenovelas, relacionando-os ao cotidiano dos jovens, suas referências culturais e aos debates sobre representatividade.
- **3º lugar: “Samba e batuque”** – O grupo investigou as raízes afro-brasileiras do samba e do batuque, destacando suas contribuições para a cultura nacional e o papel histórico da resistência negra por meio da música e da religião.

Para a turma 113 os três destaques foram:

- **1º lugar: “Tradicionalismo Gaúcho - Como o tradicionalismo gaúcho influencia a sociedade? Identidade Cultural ou Conservadorismo?”** – O grupo promoveu uma reflexão crítica sobre o tradicionalismo no contexto gaúcho, questionando até que ponto as práticas culturais regionais preservam tradições ou reproduzem valores conservadores
- **2º lugar: “Machismo no ambiente escolar - Como o machismo afeta o desenvolvimento escolar e o psicológico das alunas?”** – O grupo abordou as manifestações de machismo no cotidiano escolar. A pesquisa reuniu relatos, observações e discussões que evidenciaram como atitudes sexistas ainda estão presentes em espaços de ensino e aprendizagem impactando especialmente as alunas.
- **3º lugar: “Aquecimento Global - Como os jovens percebem o aquecimento global no Rio Grande do Sul?”** – O grupo investigou o nível de consciência e percepção dos jovens sobre as mudanças climáticas. A pesquisa foi conduzida por meio de questionários com as outras turmas, para refletir sobre os impactos ambientais e o papel da juventude frente à crise climática.

Para a turma 114 os três destaques foram:

- **1º lugar: “Problemas na juventude com excesso do celular”** – O grupo trouxe uma discussão sobre os impactos do uso contínuo e muitas vezes compulsivo do celular entre os jovens. A pesquisa abordou questões como queda no rendimento escolar e dependência digital. A apresentação foi bem estruturada e contou com dados, depoimentos e análises que dialogam com a realidade da própria turma.
- **2º lugar: “LGBTFobia - Como a LGBTFobia se manifesta em diferentes ambientes sociais e quais são os impactos para as pessoas LGBTQIAPN+?”** – O grupo trabalhou com a temática LGBTFobia e abordou as violências enfrentadas por pessoas LGBTQIAPN+ dentro e fora do ambiente escolar. A pesquisa trouxe relatos e reflexões sobre exclusão, preconceito e a importância de políticas de acolhimento e respeito à diversidade.
- **3º lugar: “Fome - Quais fatores sociais influenciam a fome nas comunidades escolares?”** – O grupo investigou a insegurança alimentar no contexto escolar, refletindo sobre como a fome afeta diretamente o processo de aprendizagem e o bem-estar dos estudantes. A apresentação abordou desde

a qualidade da merenda escolar até a ausência dela, destacando a importância de garantir o direito à alimentação nas instituições de ensino.

Em suma, a realização da Feira de Ciências Sociais como metodologia de ensino se revelou uma prática pedagógica potente e transformadora, capaz de valorizar a disciplina da Sociologia como um saber científico. A proposta de conduzir os estudantes do Ensino Médio à elaboração de uma pesquisa sociológica proporcionou a experiência concreta de investigar, questionar e refletir criticamente sobre a realidade que os cerca.

Nesse processo, os alunos deixaram o papel de ouvintes para se tornarem protagonistas do conhecimento, experimentando o desafio de pensar cientificamente temas vivenciados por eles mesmos enquanto sujeitos sociais. Ao transformar problemas sociais em problemas sociológicos, os estudantes puderam exercitar a chamada “imaginação sociológica” (Mills, 1969), que permite enxergar conexões entre experiências individuais e estruturas sociais mais amplas. Esse exercício analítico reforçou a importância de não tratar a Sociologia como matéria de opiniões, mas como estudo científico que exige fundamentação.

Conclui-se, portanto, que a Feira de Ciências Sociais cumpriu seu papel pedagógico ao fortalecer a Sociologia como ferramenta crítica de leitura da realidade. Ao estimular os estudantes a investigar seu próprio contexto, a prática valorizou saberes situados, promoveu o pensamento autônomo e reafirmou a importância da escola como espaço de produção de conhecimento.

PROCESSO FORMATIVO NO ESTÁGIO: A FEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS COMO ESPAÇO DE AUTO EXPERIÊNCIA E FORMAÇÃO DOCENTE

O estágio docente é uma etapa de desenvolvimento profissional dos licenciandos, mas serve também para irmos além de “pôr em prática o que foi debatido ao longo do curso”. Ele, na verdade, nos ajuda a evidenciar que o trabalho de um professor é por vezes o trabalho sem fim de um cientista social, de encontro entre professor-aluno. Foi possível ver, por meio das atividades do estágio, a situação de professores, ano após ano, novos encontros de um novo professor e um novo aluno, planos de aula, metodologias, materiais e etc, nada se cria, nada se copia, na verdade, tudo se transforma.

A prática desenvolvida em quatro turmas distintas umas das outras, separadas apenas por paredes concretas que materializam a ideia de um espaço de ensino-aprendizagem serviram para mostrar o quão importante é a palavra flexibilizar, no infinitivo para que a mesma também consiga ser flexível, pois como alcançar as metas de objetivos bem delineados em seu ambiente de trabalho quando o produto final não é um objeto inanimado, mas sim um ser humano, sujeito social dotado de vontades, desejos e gostos, sem que haja uma flexibilização dos planos? A resposta é certa, não há possibilidade de alcançar metas de aprendizagens sem que haja espaço de flexibilização e de reflexão dos caminhos idealizados para o alcance das metas e dos objetivos.

Cavalcante & Silva (2018) argumentam que apesar do potencial da disciplina de Sociologia, sua efetivação no espaço escolar e no imaginário social ainda enfrenta limites institucionais e curriculares. A fragmentação dos conteúdos e a predominância de uma lógica conteudista dificultam a consolidação de uma abordagem pedagógica para o ensino de uma “Sociologia viva”. A disciplina ainda segue como espaço onde a formação integral dos estudantes disputa contra a carga horária reduzida dos professores. Por sua vez, estes são exigidos como trabalhadores de alta flexibilização e na condição de um trabalhador “just in time”, que devem estar disponíveis e atualizados para a diversidade de componentes curriculares que os licenciandos em Ciências Sociais são chamados a dar conta.

O ensino da disciplina na educação básica não busca formar especialistas e militantes, mas proporcionar aos estudantes instrumentos de reflexão e compreensão sobre fenômenos sociais no desenvolvimento de trajetórias pessoais e profissionais mais conscientes (MOCELIN, 2020). Sendo assim, o principal objetivo desta prática docente era fornecer meios possíveis para que os estudantes do ensino médio pudessem desenvolver uma visão crítica sobre a sociedade em que vivem, a partir da articulação metodológica de conceitos sociológicos, em outras palavras, nosso principal objetivo era mostrar aos estudantes como eles poderiam se tornar precursores da mudança social.

Executar pesquisas com estudantes do ensino médio foi a chave para mostrar a eles a potencialidade que existirem como jovens. Cada grupo de pesquisa se dedicou a investigar os significados e os significantes do mundo que os rodeia, a prática de fazer com que jovens pesquisassem aspectos das juventudes foi enriquecedora. É provável que os alunos não parem para pensar sobre o papel de cada aula tendo em vista o ambiente limitador que a escola, mas se tivessem tal costume ou oportunidade, provavelmente se dariam conta de como nós professores, por vezes, aprendemos muito mais com as aulas do que eles, ou o quanto eles são capazes de ensinar a nós aquilo que nem mesmo eles têm certeza. Nesse sentido, tornar-se docente envolve a inserção em uma comunidade na qual se compartilham práticas, desafios e perspectivas sobre o ensino e a formação humana. (NÓVOA, 2022).

Obviamente, durante o estágio, nem tudo foram rosas e também não poderia ser diferente, nós enquanto estagiários queríamos ampliar ao máximo o desejo dos alunos no fazer científico, mas como fazer isso sem ser algo maçante, cansativo, desinteressante e chato? Foi bem difícil, por vezes a vontade era desistir, mas não há transgressão quando se desiste, não há mudança quando se abandona um projeto, as trocas de última hora de alguns recursos, a reformulação dos cronogramas de aula, a falta de acolhimento da instituição concedente aliados a outros fatores subjetivos dos alunos e característicos das turmas, fez com que o processo se tornasse mais demorado, em vista disso tivemos que adaptar nossas aulas e com isso a prática em sala se estendeu para mais dias do que o previsto.

A resolução dos problemas que fomos encontrando durante o período de prática não seria possível sem todo o arcabouço referencial adquirido ao decorrer do curso de Ciências Sociais, os percursos desde a leitura de textos acadêmicos a abstração das ideias e a sistematização das aulas foi fundamental para chegarmos na prática e poder executá-la com êxito, as disciplinas ofertadas pela Faculdade de Educação (FACED): como a de currículo que nos mostra que não há neutralidade em currículo pedagógico, e que o currículo possui duas faces e uma delas está oculta e precisa ser pensada no momento de prática, assim como cadeiras ofertadas pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, como a de Sociologia no Ensino Médio e Sociologia da Educação, ambas denunciam como o ensino das ciências sociais na educação básica se faz cada vez mais necessário no momento atual.

No entanto, em nossa instituição verifica-se a falta de uma adequada organização dos currículos das duas modalidades de graduação (bacharelado e licenciatura) em Ciências Sociais faz com que nós licenciandos tenhamos uma precarização na nossa formação de futuros docentes. O curso de licenciatura em ciências sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) conta apenas com dois estágios obrigatórios e não remunerados, tornando a experiência docente dos licenciandos defasada, fazemos poucas visitas e extensões em escolas tornando o debate sobre a educação muita das vezes em discursos ideológicos e academicistas que muitas vezes fogem da realidade das escolas.

Enxergar o mundo com a ótica da Sociologia é tornar visível tudo o que esconderam de nós através dos violentos processos históricos, poder ensinar alguém a ver o mundo por uma lupa chamada de Sociologia é fenomenal. Porém nossos algozes estão sempre de prontidão, e espalhados pelos mais diversos cantos da sociedade, até mesmo dentro dos

espaços tidos como espaços de educação, onde evidenciam o constante descaso que há com disciplinas das Ciências Humanas, sobretudo o descaso com a Sociologia.

Por fim, as recomendações que deixamos para os colegas de licenciatura que irão ingressar no estágio é que tomem nota de tudo, produzam seus próprios materiais, isto nos ajuda inclusive a dar uma explicação de forma mais clara para os estudantes, não surtem se o planejamento de suas aulas não estiver sendo seguido a risca, o importante é não se perderem dos seus objetivos planejados, e o mais importante, pensem em criar meios para que os seus alunos possam aprender em todos os espaços.

REFERÊNCIAS:

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. Coordenação de Djamila Ribeiro. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Brasília, DF: Presidência da República, [2013]. Disponível em: <https://www.gov.br/secretariageral/pt-br/juventude/publicacoes/estatuto-da-juventude>. Acesso em: 10 mar. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Sociologia. [S.l.: s.n.], 2006. Disponível em: <https://ensinosociologia.milharal.org/files/2009/09/OCN-Sociologia.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRUMER, Anita *et al.* A elaboração de projeto de pesquisa em ciências sociais. In: PINTO, Céli R.; GUAZZELLI, César A. Ciências Humanas: pesquisa e método. Porto Alegre: EDUFRGS, 2008. p. 125-146.

CAPRARA, Bernardo Mattes. Comunidade de práticas de sociologia escolar: uma agenda alternativa ao conceito de campo. Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais, v. 8, n. 2, p. 01–22, 2024. Disponível em: <https://cabecs.com.br/index.php/cabecs/article/view/519>. Acesso em: 10 mar. 2026.

CAVALCANTE, Joel Júnior; SILVA, Rafael Egídio Leal e. O ensino de Sociologia no Ensino Médio Integrado: limites, desafios e possibilidades para a busca de uma escola unitária. In: BODART, Cristiano das Neves (org.). Sociologia escolar: ensino, discussões e experiências. Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2019. p. 119-140. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/334731757_SOCIOLOGIA_ESCOLAR_ensino_discussoes_e_experiencias. Acesso em: 10 mar. 2026.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. Interseccionalidade. São Paulo: Boitempo, 2021.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. Educação & Sociedade, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105–1128, out. 2007.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40–52, set./dez. 2003.

DESLANDES, Suely Ferreira. A construção do projeto de pesquisa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 31-60.

DESLANDES, Suely Ferreira. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. In: DESLANDES, Suely F.; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 31-60.

DOURADO, Ivan Penteado. *Bases e concepções teóricas fundantes na sociologia dos oprimidos*. Florianópolis: Editora Udesc, 2024.

DOURADO, Ivan Penteado. *Óculos Sociológico no Cinema: Concepção avaliativa na Sociologia dos Oprimidos*. Disponível em: <https://repositorio.udesc.br/handle/UDESC/21074>. Acesso em: 18 jun. 2025.

DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 75. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GIL, Antonio Carlos. Como formular um problema de pesquisa? In: GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas, 2008. p. 23-29.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

INFOESCOLA. *Diferença entre problema social e problema sociológico*. [S.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociologia/diferenca-entre-problema-social-e-problema-sociologico/>. Acesso em: 10 mar. 2026.

LEMIEUX, Cyril. *Problematizar*. In: PAUGAM, Serge. *A pesquisa sociológica*. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 33-52.

MACHADO, Lucas Antunes & CAPRARA, Bernardo Mattes. Por um ensino de Sociologia engajado: proposições a partir da pedagogia de bell hooks. *Revista Práxis Educativa*, v. 19, 2024. DOI: <https://doi.org/10.22420/rde.v18i40.2028>.

MILLS, C. Wright. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969 (ou 2005).

MOCELIN, Daniel Gustavo. O ensino da Sociologia e o seu campo. In: BRUNETTA, Antonio Alberto; BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo Pinheiro (org.). Dicionário do Ensino de Sociologia. Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2020.

NÓVOA, António. Conhecimento profissional docente e formação de professores. Revista Brasileira de Educação, v. 27, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782022270129>.

O'DONNELL, Julia *et al.* Exercitando a imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2021.

O'DONNELL, Júlia; OLIVEIRA, Paulo Edison de; ROTA, Paulo. Sociologia: por toda parte. Volume único. São Paulo: FTD, 2024. (PNLD 2026).

OLIVEIRA, Amurabi Pereira de. Ensino de Sociologia: desafios epistemológicos para o Ensino Médio. Revista Espaço Acadêmico, Maringá, n. 119, p. 115-121, abr. 2011.